

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

APONTAMENTOS DE ETNOGRAFIA DA BEIRA-ALTA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1974 | Número: 84

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Apontamentos de Etnografia da Beira-Alta. *Revista de Guimarães*, 84 Jan.-Dez. 1974, p. 203-216.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Apontamentos de Etnografia da Beira-Alta

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Quando atravessamos o pórtico da chamada *Terceira Idade*, começamos a reviver horas que já foram *Presente*, e se convertem velozmente em *Passado*. Evocamos então, com saudade, esse tempo fugidio, se para nós foi favorável; com desgosto amargo, se nos foi maléfico; com tardio arrependimento, se o aproveitámos mal.

Para o homem que despende a sua actividade no campo intelectual, reviver o tempo que passou, é, de certo modo, ressuscitá-lo *in mente*, trazê-lo a si, em abstracto momento de presença, quando a memória assim o consinta, ou quando houver de o fixar em páginas que deixe escritas, reservadas aos pósteros, em horas mal definidas, para que as publiquem, como *Memoriais* íntimos do seu autor, ou como elementos de qualquer espécie, literários, artísticos ou científicos, que, de futuro, a alguém possam aproveitar, se o merecerem.

Contudo, as linhas que nessas páginas forem lançadas, irremediavelmente se irão desvanecendo e apagando, como débil chama de lucerna, prestes a extinguir-se, ou como ressequidas folhas mortas, desprendidas de seus ramos, e perdidas no espaço, levadas na asa do vento.

Foi nisto pensando, que, ao folhearmos, há pouco, velhos papéis, amarelecidos pelo tempo decorrido, e já esquecidos, desde que os havíamos guardado numa

das gavetas da nossa mesa de trabalho—entre eles depa-
rámos, por acaso, com páginas soltas que, há mais de
35 anos, preenchéramos acerca de alguns aspectos etno-
gráficos, recolhidos numa das mais curiosas regiões da
Beira-Alta, durante umas saudosas e alegres férias que
passámos em Terra de Lafões, e que hoje tristemente
recordámos, o que nos decidiu a tornarmos conhecidas
as singelas páginas agora reencontradas que, oferecidas
à publicidade na *Revista* cultural da Soc. M. S., as iremos
publicando em vários trechos distintos, supondo, que
poderão merecer certo interesse a algum leitor, embora
não tanto como ao próprio autor mereceram, ao relê-las,
naturalmente emocionado, porque as viveu *in loco* e em
seu característico ambiente e paisagem.

Por outro lado, ser-me-á perdoada, já não diremos a
inofensiva resolução de darmos, agora, a lume estas
páginas, a que estamos longe de atribuir excepcional valia,
mas, quando muito, as consideramos simplesmente o que
pretendem ser — apenas singelas nótulas, aproveitadas
a esmo, que sofreram a *profanação*, por assim dizer, de
as termos *exumado* do túmulo em que jaziam *in-pace*, ou
seja da gaveta em que estavam depositadas desde o
Verão de 1940.

M. C.

Levou-me o breve descanso de umas férias a viver, durante uns dois meses no «povo» (1) da Sobrosa, pertencente à freguesia de Santa Cruz da Trapa, do Concelho de São Pedro do Sul. Quando cheguei, nada de curioso, no primeiro relance, me prendeu particularmente a atenção. Apenas os contrafortes do maciço da Gralheira (2), com seus cumes entre 700 e 1000 metros de altitude, fechando pelo Norte a região, impunham a meus olhos deslumbrados a grandiosidade do seu dorso granítico, bem mais imponente do que os pequenos montes da minha terra do Baixo-Minho (Fig. 1).

Dia a dia me fui familiarizando com esta boa gente beirã, da direita do Vouga, palmilhei a serra, descansei nos povoados montesinhos, entrei nas choupanas escuras, bebi nas fontes límpidas, aceitei do pão negro que me ofereciam, conversei, inquiri, graciei, e assim fui vencendo em breve a tímida desconfiança desta humilde gente. Iniciaram-me então numa quantidade de aspectos interessantes e imprevistos: usos típicos e originais, sobrevivências de um viver primitivo, notícias de «encantamentos», ruínas do tempo dos «mouros», modos de falar, de vestir, de trabalhar, e até de folgar!

Deste convívio accidental nasceram as ligeiras nótulas que vão ler-se (3). Desprovidas de pretensões científicas

(1) Como divisão administrativa, não há diferença entre as designações de «povo» e de «lugar». São ambas uma parte integrante da «freguesia», que é dividida em *lugares* ou *povos*. Mas topograficamente existe uma diferença profunda: os *povos* são aqui lugares afastados uns dos outros por distâncias maiores ou menores, embora sempre dentro da mesma *freguesia*. Os *lugares*, propriamente ditos, designação mais típica do Minho, são contíguos, em geral; onde termina um, logo começa outro. São formas de povoamento diversas dependentes da natureza do terreno e da densidade da população.

(2) A Gralheira não constitui propriamente uma serra, isto é, uma linha sucessiva de montanhas, mas sim um maciço de onde irradiam montanhas em direcções várias. É limitada pelos rios Vouga, Sul, Douro e Paiva. São seus pontos culminantes a Serra de S. Macário (1053 m.), a Serra da Arada (1116 m.) e a Serra de Freita (1085 m.) (Vide Amorim Girão, *A bacia do Vouga*, p. 23).

(3) Na documentação destas nótulas, confirmativa das nossas observações pessoais, socorremo-nos especialmente dos trabalhos do Prof. A. Girão, investigador que julgo ter sido o que melhor conheceu, neste campo da Etnografia e da Arqueologia, a região de Lafões.

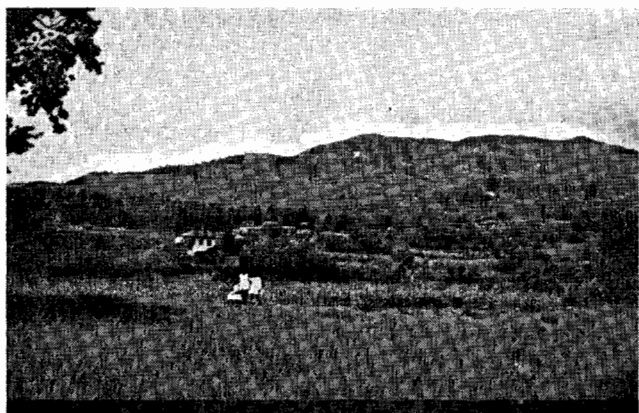


Fig. 1 — O «povo» da Sobrosa. No último plano a Serra da Gravia.

ou literárias, são breves e amenas impressões pessoais que podem, quando muito, aguçar o interesse e chamar a atenção dos verdadeiros investigadores para uma região tão pouco explorada no campo etnográfico e, ainda menos, no da arqueologia.

A freguesia de Santa Cruz da Trapa é extensa e nela se encontram duas zonas perfeitamente distintas: as terras baixas, mais ou menos planas, onde assenta o núcleo principal do povoado e lugares vizinhos, como o da Sobrosa e outros; e a zona da montanha, onde habitam os *serranos*.

Pode dizer-se que todos os habitantes da freguesia são proprietários; mais ou menos, todos têm de seu, sendo raros os caseiros rústicos a trabalhar em terras alheias. Todos humildes filhos do povo, mas alguns, que emigraram para o Brasil, e lá ganharam seus haveres, já vivem com certa abastança. Esses, os mais *ricos*, descansam, na última quadra da vida, e «gozam os rendimentos», isto é, deixam de trabalhar — ideal comum a todo o portuguezinho que se preza — e passam à categoria de pessoas gradadas da terra. As pessoas que a fortuna menos favoreceu labutam nas leiras ingratas, adquiridas com o pecúlio honradamente ganho, num esforço tenaz, bem característico do emigrante português. De aspirações mais modestas, estes últimos são igualmente senhores de alguns palmos da terra⁽⁴⁾ onde nasceram, de onde tiram os alqueires de milho necessários e bastantes para seu sustento; e, quando pode ser, mais alguns proventos que permitam, pelo menos, a vaidosa satisfação de substituírem, no seu tugúrio tão característico, a cobertura de telha portuguesa ou de toscas placas de lousa (xisto) pela detestável telha de tipo marselhês, avermelhada, berrante! Mas todos eles, ricos ou pobres, descendem do mesmo tronco antigo, e nutrem pela sua aldeia o mais entranhado apêgo. E assim, após longos anos de canseira, por longes terras exóticas, lá voltam sempre ao seu buraco

(4) No «povo» da Sobrosa ouvimos, por vezes, chamar «fazendas» às propriedades rústicas, designação por certo trazida do Brasil pelos nossos emigrantes, o que não é de estranhar. A um homem do «povo» do Gamual, lá no alto da serra, acompanhando no pastoreio rebanhos que guardava, ouvimos, referindo-se a um rapazinho que andava distante: — Aquele «moleque»...

humilde, ou à sua casa achalezada, tão confortável como inestética. Em Santa Cruz todos são de origem humilde; não há nobres; todos são iguais. Apenas se destaca uma casa armoriada, mas velha e desabitada — a dos Malafaias, dos mais fidalgos da Beira.

As terras baixas são de campos lavradios, verdejantes de milharais bem regados, e encontram-se geralmente maltratadas, mais por ignorância de métodos de cultivo, do que por desleixo.

O trajar da gente pobre é feio, especialmente o das mulheres: tonalidades escuras, chales pretos, lenços pretos, todas parecem andar permanentemente de luto, quando as vemos, ao domingo, embiocadas, à saída da missa. Como nos sentimos longe do colorido intenso com que se enfeita a rapariga minhota, expansiva e alegre! Apenas as serranas, com suas largas saias de roda, atadas na cinta com uma faixa também preta, seu burel e seu chapelinho à moda de Aveiro, são um tanto mais insinuantes e graciosas, embora usando igualmente os tons escuros — o preto e o castanho.

Os cantares são monótonos e tristes, posto que harmoniosos: melopeias que, na parte final, os coros prolongam, num tom uniforme, extenso, como o eco de um acorde distante, que se vai extinguindo lentamente.

O povo é supersticioso e tímido. Tem o receio da noite, das ciladas, dos bruxedos. Circulam as histórias fabulosos de enormes cobras que vivem escondidas em certos moinhos, nos fundões, e atacam as raparigas desprevenidas que ali vão proceder à moagem. Mas a gente é boa, no geral, e o crime muito raro neste meio. Não existe a ladroeira; as portas franqueiam-se a todos, e a todos se oferece sempre um copo de vinho e uma fatia de pão.

Na montanha, o viver dos serranos é bastante diferente. O gado ovino, e especialmente o caprino, constituem a principal riqueza⁽⁵⁾. Ele dá o leite que permite o fabrico da manteiga, e dá a lã. Não falta o pasto pelas

(5) É nos planaltos mais elevados da Serra da Gralheira onde o gado caprino tem maior desenvolvimento, sendo frequentes os rebanhos de muitas centenas de cabeças. Em compensação o gado bovino é ali pouco abundante. (Vide Amorim Girão, *A bacia do Vouga*, p. 142, 143 e 148).

encostas aspérrimas e pelos vales estreitos e profundos, em forma de V, que diariamente se cobrem de densos rebanhos.

A casa serrana, bem típica, construída com o granito da região, abundandíssimo, de grão fino, amarelado, e facilmente trabalhável, que já era de preferência o escolhido pelos povoadores dos velhos castros, é uma habitação rude e pobríssima, de tradição remota, sem dúvida. As paredes, de grosseira alvenaria, formadas de pedra solta, tisonada do sol, erguidas sem o auxílio de qualquer argamassa que as ligue, mostram os calhaus informes, assentes uns sobre os outros, aproveitados quase tal qual se encontram pelos montes, sem qualquer afeiçãoamento ou esquadria. Se há necessidade de talhar-se um bloco maior, para servir de padieira ou de soleira de porta, por exemplo, a pedra é talhada na própria pedreira, de um penedo qualquer, simplesmente com o auxílio de «guilhos», ou sejam cunhas de ferro batidas e bem apertadas a maço, à maneira antiga e mais arcaica, sem a intervenção de qualquer explosivo. O telhado, em duas águas, de placas de xisto («lousa»), que vem lá das bandas da Serra de Manhouce; são cortadas de modo irregular e tosco, e a partir do cume do telhado vão assentar num beiral de pedra, como de pedra é também o cume, divisório das duas águas. Não resistimos a transcrever a descrição, primorosa e fiel, que em poucas linhas, um dos nossos maiores prosadores fez do aspecto de Aveloso, aldeia serrana da Beira, das mesmas características dos povoados a que nos estamos referindo: «O tom escuro das suas choças e dos seus casebres casa-se tão intimamente com a cor do terreno pedregoso e tostado, que, vista de algumas centenas de metros de distância, a povoação parece uma pedreira. Daí perdem as habitações a fisionomia própria de abrigos humanos, para assumirem a feição selvagem do penhasco, donde parece haverem saído com pesar» (6).

Os rapazitos andam todo o dia no monte, com os rebanhos, de passo que o resto da família vai agricultando as leirinhas, degraus de verdura que descem para os vales fundos, em declives áspersos. Na serra não abunda o vinho;

(6) Abel Botelho, *Mulheres da Beira*, Ed. «Colecção Lusitana» — 3.^a Ed. Porto, p. 94.

apenas uma ou outra videira anémica reverdece numa beirada; mas gostam dele, e lá o compram aos da planura e o levam para a serra em barriletes, que os burrecos aguentam na albarda, pelos carreiros resvaladiços e perigosos das vertentes alcantiladas.

Nos pontos mais altos vai rareando o arvoredado, e até o pinheiro lhe custa a agarrar as raízes ao pedregulho solto. Nunca falta, porém, o combustível na lareira, que se apanha à vontade por aqueles largos terrenos baldios.

Vida rudimentar e simples a desta pobre gente, contemporânea das grandes culturas que dominam o mundo e o assombram com suas maravilhas de urbanismo, seus «arranha-céus», suas descobertas na ciência e na mecânica.

Sirva tal contraste de flagrante exemplo aos investigadores mal avisados induzidos com frequência a cronologias erradas, afastando de milhares de anos culturas bem diferentes umas das outras, pelo simples exame de escavos restos arqueológicos. Mas é certo que quantas vezes esses restos, tão diversos no aspecto, são inteiramente coetâneos! (7)! O meio faz o homem: rude e primitivo, se vive isolado dos grandes centros de Cultura e Civilização; super-sociabilizado se habita as formidáveis metrópoles do progresso dos nossos dias!

(7) Há, de facto, uma tendência frequente para não considerar sincrónicas, de um modo geral, culturas em diverso grau de adiantamento. É, por exemplo, frizante a afirmação de que o Castro de Sabroso, no Baixo-Minho, deve considerar-se mais antigo que a Citânia de Briteiros, que lhe fica próxima, só porque naquele Castro não aparecem inscrições romanas, moedas, etc. isto é, vestígios de uma Cultura aproximada da que se observa nos espólios da Citânia. Mas é oportuno perguntar-se: se compararmos a maneira de viver de um habitante do Soajo com a de qualquer frequentador de sumptuoso hotel, da categoria dos chamados *Magestic*, *Olympic*, e semelhantes, notaremos entre os dois algum ponto de contacto?! Daqui por um milhar de anos ou dois, o investigador que fizesse opinião, ou tirasse conclusões pelos espólios encontrados nas sepulturas de cada um destes dois homens, diria certamente que eles viveram separados por um decurso de tempo de alguns milénios, e todavia são coetâneos.

São do investigador espanhol C. de Mergelina estas palavras: «Hoy mismo tambien, junto a un camino por donde chirría una carreta de ruedas macizas, pasa una carretera asfaltada, por donde corre veloz un automovil» (Vide *Boletim del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, tomo VI p. 33, Valladolid, 1940).

Eis um esboço ligeiro desta região beirã, com sua população rústica tão característica, com a qual me relacionei directamente, pelo tempo de algumas semanas, que me deram o grato ensejo de redigir as breves notas que vão seguir-se.

Casa da Sabrosa. Santa Cruz da Trapa.

Agosto e Setembro de 1934.

I — *Flora montesinha*

Estes ásperos montes da Sabrosa, que limitam pelo Norte o vale do Vouga, são ricos de pinhal *bravio* ⁽⁸⁾, vestindo as encostas pedregosas, e o solo está permanentemente coberto de um tapete colorido de vegetação rasteira. Só nos pontos culminantes a rocha, escura, requeimada e nua ⁽⁹⁾, as plantas escasseiam mais.

Os cômoros e as corgas, à luz oblíqua da tardinha, formam um relevo singular, e, em sucessões de ouro fulvo e frialdades de violeta, definem-se, inúmeros, os planos, num aspecto cenográfico irreall! Nas encostas altas, ainda nimbadadas do último clarão do poente, ou nos fundões já imersos há muito na sombra, ressaltam, então, tonalidades variegadas, constituindo uma paleta riquíssima de cores, que as humildes plantas montesinhas emprestam pródigamente à terra! Um aroma, acre e penetrante, inunda o ar, leve e puríssimo, que nos enche e tonifica os pulmões e... a alma.

Hoje, ali para os lados do «povo» da Chamisseira, uma pobre serrana cuja única aspiração é viver e morrer na paz da sua choupana, do seu mundo isolado naqueles montes onde nasceu, e que ela, ainda que de olhos fechados à luz (se, por desgraça, Deus lha tirasse) percorreria e pisaria com firmeza — parou de cortar os fetos com que arranjava o seu molho, e ao ver-me aproximar e des-

As classificações botânicas que seguem, e que damos a simples título de curiosidade, foram extraídas do Volume «A Flora de Portugal», Lisboa, 1913, de António Xavier Pereira Coutinho, com a indicação das páginas dessa mesma obra alusivas a cada espécie:

(8) *Pinhal bravio* é o *Pinus pinaster* (pág. 39)

(9) Vide Amorim Girão, *A Bacia do Vouga*, p. 88.

cansando as mãos na extremidade do cabo da enxada com a qual trabalhava, atendeu, interessada pela minha curiosidade, quando eu para ela me dirigia, para me ensinar os nomes locais e as qualidades intrínsecas das plantas rasteirinhas, que lhe ia apontando.

Esta, de ramos direitos e finos, folhinha em recorte de escama, florinha lilaz, aqui, chamam-lhe *mogariça* ⁽¹⁰⁾; é um excelente pasto das abelhas, que dele fabricam o melhor mel.

Aquela, de caule aprumado, elegâncias de princesa e flor violeta, é a *tamarga* ⁽¹¹⁾. Está outra, tão abundante, de corolasinhas campanulares, formando lindas inflorescências que cobrem o monte de manchas rôxas, é o moleado ⁽¹²⁾. Aqui, ao pé de nós, está a *queiró* ⁽¹³⁾, urze rasteira e humilde, de troncozinhos contorcidos, torturados, lenha dos pobres, que aquece a lareira e o forno de pedra, onde se coze o pão.

O *mato*, ou torga ⁽¹⁴⁾, esse, é alto e agreste, quando serrano; macio, verde e compacto, se é *ribeirinho*. É ele que alimenta a *ucha*, o fogo, ou queimadas dos montes, dias e dias seguidos, quando no estio a seca é prolongada e o lume se ateia, aqui e além, para afujento da bicharada daninha e melhoria dos pastos do gado.

Esta, de folhinha lanceolada, tenra e pegajosa, de um verde escuro e florita branca, de cinco pétalas muito espalmadas, é o *sargaço negro* ⁽¹⁵⁾, tão bom, segundo a minha informadora, se fôr esmagado e misturado com cinza e vinagre, em cataplasmas contra as pisaduras; da mesma família é o *sargaço branco* ⁽¹⁶⁾, de um verde mais claro e flor amarela, que, em Maio, cria junto à raiz, um parasita que dá frutozinhos resinosos e doces, muito apreciados, a que o povo daqueles lados da serra dá o nome duvidoso de *pútegas* ⁽¹⁷⁾.

⁽¹⁰⁾ Mogariça, *Calluna vulgaris*, Salib.

⁽¹¹⁾ Tamarga, *Tamarix*, Lin., p. 407.

⁽¹²⁾ Moleado, *Erica*, p. 463.

⁽¹³⁾ Queiró, *Erica cineria*, Lin. (Urze)

⁽¹⁴⁾ A. Girão, Vide *op. cit.*, p. 146.

⁽¹⁵⁾ Sargaço negro, *Helianthemum abyssoide*, p. 409.

⁽¹⁶⁾ Sargaço branco, *Helianthemum balimifolium*, Willd., p. 413.

⁽¹⁷⁾ Pútegas — p. 175.

Não falta também a carqueja ⁽¹⁸⁾ áspera, o melhor alimento do gado que anda todo o dia nos montes, e cuja flor e raiz se usam nos suadouros contra uma tosse pertinaz. Nem falta o codêço ⁽¹⁹⁾, de linda flor amarela, bom alimento para as vacas paridas, esclarece com simplicidade a serrana.

Aqui tem o senhor a *giesta* ⁽²⁰⁾, esguia e magra, utilizada para vassoiras, com que varremos o lar e a eira, ou se emprega como sebe para vedar terrenos. Além, o *trovisco* ⁽²¹⁾ traíçoeiro, com que os maus pescadores envenenam as águas dos rios, e matam as criações dos peixes.

E esta, tão escondida e rasteirinha, entre as pedras, como um veludo verde escuro?... Tome na sua mão e cheire, meu senhor! Não sabe o nome disso? — É o *salpor do monte* ⁽²²⁾. Que aromático é! Esta planta e o *rosmaninho* ⁽²³⁾, cheiroso, que também por aqui existe em abundância; são, no aroma activo das suas folhas, as plantas rivais do *alecrim* ⁽²⁴⁾, do *mangerico* ⁽²⁵⁾, da *alfazêma* ⁽²⁶⁾, dos *montrastes* ⁽²⁷⁾ e da *hostelã* ⁽²⁸⁾.

E, que linda também, a flor labiada, amarelinha, filha do *tojo* de espinhos agressivos ⁽²⁹⁾. E os *fetos*, ⁽³⁰⁾ abundantes e persistentes, como são úteis na agricultura, para o adubo das terras! E as *amoras* ⁽³¹⁾ silvestres, e os *medronhos*, chamados *morangos bravos*, de que os pastoritos são tão gulosos ⁽³²⁾!

⁽¹⁸⁾ Carqueja — *Pterospartum tridentatum*, Lin.

⁽¹⁹⁾ Codeço — *Adenocarpus*, p. 320.

⁽²⁰⁾ Giesta — *Genista*, p. 316.

⁽²¹⁾ Trovisco, Vide *Thymelaceas* e *Malvaceas*, ps. 177 e 398.

⁽²²⁾ Salpor do monte, ou serpão — Trata-se de uma metátese: salpor, por serpão, *Thymus*, Lin., p. 512.

⁽²³⁾ Rosmaninho — *Rosmarinus*, Lin., p. 529; outra metátese.

⁽²⁴⁾ Alecrim — *Prasium majus*, Lin., p. 530.

⁽²⁵⁾ Mangerico ou Manjerição — *Ocimum minimum*, Lin.

⁽²⁶⁾ Alfazêma é a *lavande* francês-a, planta aromática (do árabe *alkhugama*).

⁽²⁷⁾ Montraste, ou mentraste — *Ageratum mexicanum*, Sims.

⁽²⁸⁾ Hortelã — *Echinum vulgare*, Lin., p. 500.

⁽²⁹⁾ Tojo — *Ulex*, Lin., p. 321.

⁽³⁰⁾ Vide Fetos — p. 44.

⁽³¹⁾ Vide Amoras — ps. 206, 293, 300.

⁽³²⁾ Medronheiro — *Rhododendron*, Lin., p. 461.

Bendito seja Deus! E passa a gente por esses carreiros fora, sem reparar nesta rica variedade de espécies, nesta delicadesa de tons, cuja mescla nos oferece a luminosidade suave que afaga a vista, esta embriaguez de aromas de que resulta o perfume agri-doce e penetrante, tão característico da montanha! E calcamos nós, indiferentes, tantas florinhas mimosas, que por serem bravias e criadas a esmo pelos montes, não deixam de competir, em graciosidade, e mimo, e odor com suas irmãs mais ricas, encarceradas, como freiras num mosteiro, em estufas cobertas de vidro ou em canteiros de jardins, gradeados de ferro...

II — *Um «rêlho»*

Fui hoje dar uma volta pelo outeiro, aqui, pertinho do «povo» onde me instalei, chamado *Sobrosa* (Fig. 2), sobranceiro à estrada ladeada de pinhais, que sobe para São Joane, ou São João da Serra.

Junto à ponte sobre o Rio Teixeira ⁽³³⁾, afluente da margem direita do Varoso (Fig. 3), que, por sua vez, se lança na direita do Vouga, sigo pelo alto do montículo por onde corre uma esplêndida calçada, ampla, sólida, desafiando os séculos, formada de grandes lajas (Fig. 4), poídas do trânsito dos rodados chapeados dos carros de bois e dos tamancos ferrados dos seus guias; vinda dos lados do convento de São Cristóvão (*Trapistas*), vai essa velhíssima calçada pelo «povo» de *As Chouzas*, passa na encosta da Serra da *Gravia* ⁽³⁴⁾, um pouco acima de *A Bustarenga* ⁽³⁵⁾, e lá continua, pelo alto de montes e ermos, atravessando os povoados de *Manbouce* ⁽³⁶⁾, *Albergaria das Cabras* e outros, em direcção ao Porto. É a antiga via, muito

⁽³³⁾ O nome deste rio não é de carácter antroponímico; indica apenas que ele corre num vale entre alcantilados desfiladeiros (Vide Amorim Girão, *A bacia do Vouga* p. 25).

⁽³⁴⁾ *Algarvia*, em vez de *Gravia*, menciona a antiga Carta de Portugal, da Comissão Geodésica.

⁽³⁵⁾ *Abustarenga*, grafa a Carta supracitada.

⁽³⁶⁾ *Manboce* regista ainda a citada Carta. Igualmente A. Girão. Abel Botelho escreve *Manbouce* (Vide Op. cit., na nota 6 de pág. 209 destes *Apontamentos*. Foi assim que ouvimos pronunciar em Sobrosa.



Fig. 2 — *Entrada do Casal da Sobrosa, em Santa Cruz da Trapa, onde passámos as férias do Verão de 1940.*

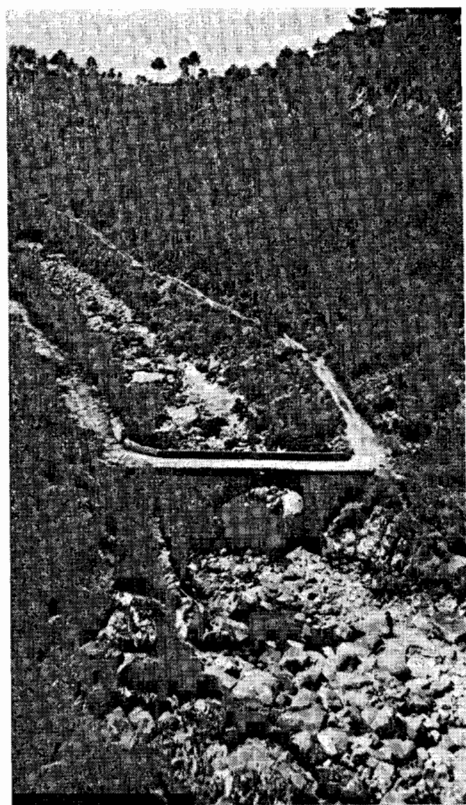


Fig. 3 — *Ponte velha sobre o Rio Teixeira, no sítio denominado O Vau*

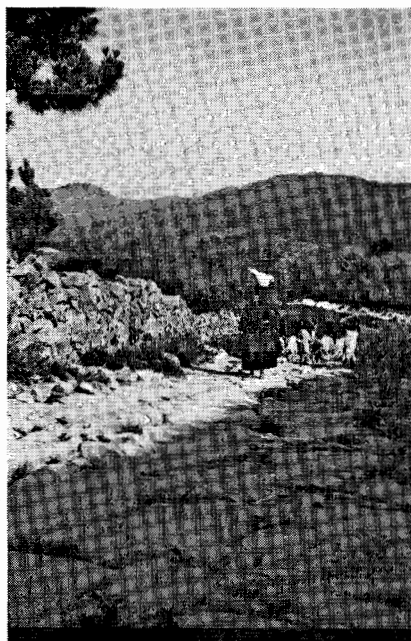


Fig. 4 — *Calçada antiga de Chouzas
à Bustarenga.*

frequentada (37), possivelmente marcando um remoto itinerário romano, aqui e além destruído, mas apresentando ainda extensos lanços perfeitamente conservados.

Encontrei-me, no meu curto passeio, com uma velhota que andava cortando, e juntando num feixe, urzes e fetos. Próximo dela, no chão, estava a corda que o havia de atar; e (pormenor curioso) as duas pontas dessa corda passavam cada qual pelos furos abertos nas extremidades de uma pequena placa rectangular de madeira, e terminavam, também cada uma no chamado *nó cego*.

Dirigindo-me à mulherzinha, interroguei-a sobre a utilidade daquela pequena peça de madeira, e o nome que lhe davam. Respondeu-me que era um «*rêlbo*» (Fig. 5), e que tinha por fim evitar que a corda se não estragasse tanto, pelo atrito, ao puxá-la para atar o molho (38), desgaste esse que mais ameude acontecia, quando uma das extremidades da corda passava numa simples aselha ou laçada (*talasga*, lhe chamou) praticada na outra extremidade.

O mais interessante é que a forma desse objecto de madeira, imediatamente me fez lembrar as placas pré-históricas de xisto (Fig. 6), que vira no Museu de La Guardia (39), por exemplo, e cuja aplicação alguns arqueólogos pretendem explicar, afirmando que serviriam para defender o braço do atirador de setas (arqueiro), para que estas, ao serem despedidas, não magoassem ou mesmo ferissem o braço que segurava o arco. Pura fantasia? Melhor me parecia preferível dar a tais instrumentos pré-histó-

(37) Vide A. Girão, *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Coimbra, 1921, p. 65 e *A bacia do Vouga*, p. 125.

(38) Sobre «*rêlbo*» vide:

Afonso do Paço, *Relhos, espichas e lançadeiras*, in «Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», Porto, 1932, ps 323 ss.

(39) Vide Julian L. Garcia, *La Citanía de Santa Tecla*, La Guardia, 1927, p. 110 e 111, figs. 65 e 66;

Cuadrado Dias, *Útiles y armas del Argar*, in «Cronica del I Congreso Nac. de Arq., Almería, 1949, p. 107, 108, e lam. xxiii;

Cayetano de Mergelina, *Elseudo asturiense de La Guardia (Pontevedra)*, in «Bol. del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», Valladolid, 1940, tomo VI, p. 33 e figs 16 e 18;

Mário Cardozo, *Die Vorgeschichtliche Höbensenleitung von Penha, bei Guimarães/Portugal*, in *Madrider Mitteilungen*, Heidelberg, 1970, p. 91-95, Tafel 15, gravura a da separata.

J. Déchelette, *Manuel d'Arch.*, Paris, 1924, Vol. II, p. 226 e 227 «*Brassards et doigts d'archers*».

ricos aplicação idêntica à do *rêlho* da velhinha que cortava fetos. Mais natural e talvez mais útil...⁽⁴⁰⁾

A imaginação dos arqueólogos é inexgotável! E, poucas ciências se prestam tanto a divagações e fantasias como a Arqueologia: se, em qualquer escavação pseudo-científica, surge um objecto cuja utilização prática não ressalta imediatamente à simples vista, logo é classificado de *religioso*, *funerário* ou *votivo*, *feitiço*, *magia*, *amuleto*, ou coisa parecida. É, na verdade, uma porta falsa, muito cómoda...

O que se tem dito e escrito, por exemplo, para se tentar explicar a aplicação dos célebres «bastões de «mando»⁽⁴¹⁾!... Assim se complicam, por vezes as coisas mais singelas deste mundo, envolvendo em mistérios inconcebíveis um passado» «*que está mais perto de nós do que geralmente se imagina*», como afirmava Martins Sarmiento, na sua admirável intuição e conhecimento científico.

(*Continua*)

⁽⁴⁰⁾ Objecto semelhante ao «*rêlho*» é empregado, como esticador, nos cabos de algumas barracas de campismo, como também nos pequenos barcos à vela, segundo informação do nosso amigo Senhor Engenheiro Vasco de Sousa Chichorro.

⁽⁴¹⁾ J. Déchelette, op. cit. na nota 40 da página anterior, Vol. I, p. 157 ss.

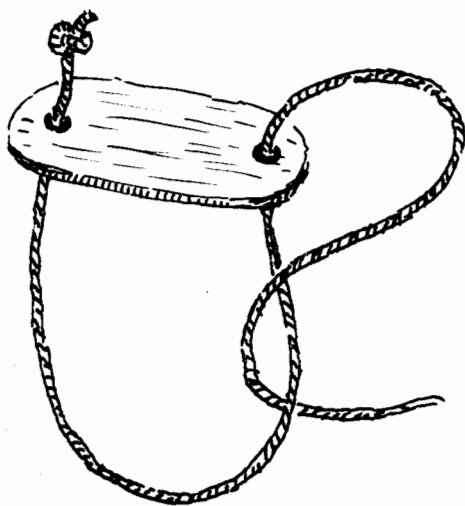


Fig. 5 — *Um rêlho.*

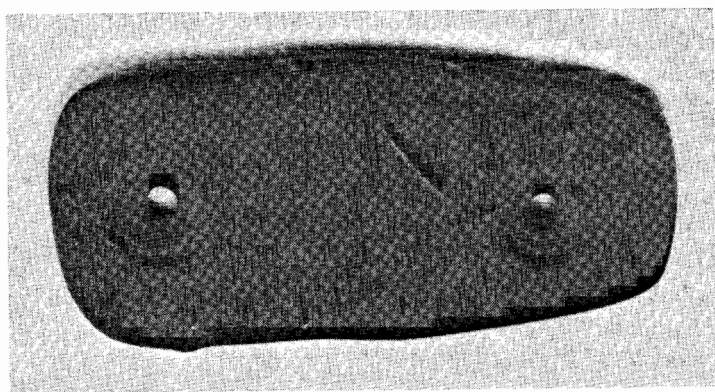


Fig. 6 — *Um «pseudo-braçal de arqueiro», descoberto no Monte da Penha, Guimarães. (Museu da Soc. M. S.).*